

trão era o ministério, eu estava no Porto e o ministério estava em Lisboa. Quer dizer, não havia qualquer tipo de possibilidade de interferência, de controlo do que quer que fosse. E agora são as próprias instituições universitárias que estão preocupadas, que querem que as pessoas publiquem, que as pessoas prestem serviço ao exterior e andam em cima. Há um controlo muito mais perto daquilo que as instituições fazem, do que as pessoas fazem, do que se fazia anteriormente. Por-

neste momento, e planeamos fazer isso durante este ano e o próximo ano, devemos dar as instruções de implementar um sistema de garantia de qualidade.

que, de facto, as pessoas confundiram um bocado a autonomia universitária com a autonomia académica. Uma coisa é a autonomia da instituição e outra coisa é a autonomia do indivíduo. E essa paga-se. Claro que se o patrão está perto ...

Ensino Superior – Quantas pessoas estão a trabalhar na agência neste momento?

Alberto Amaral – No total? A nível técnico são dez ou onze. São onze.

nós queremos movermo-nos para uma situação em que haja uma maior responsabilização das instituições pelo seu sistema de garantia de qualidade.

Ensino Superior – Considera que é a dimensão adequada para o tipo de trabalho que a agência desenvolve neste momento?

Alberto Amaral – Não. Vamos lá ver. Estamos a fazer isto porque estamos a fazer um esforço muito grande para não aumentar pessoas. Até porque, depois, no futuro, se formos para uma versão mais aligeirada ...

a aposta futura é de facto nos sistemas internos de garantia de qualidade.

Ensino Superior – Não precisarão de tanta gente.

Alberto Amaral – Exatamente. Se nós começássemos agora a encher isto de pessoal para tudo e mais alguma coisa, depois tínhamos que despedir. E não é isso que se quer. Mas faz-se agora um esforço grande porque depois mais tarde irá ser mais fácil para nós próprios. No conselho de administração, nunca trabalhamos como conselho de administração. Trabalhamos aqui no duro, até às não sei quantas da manhã, muitas vezes. Mas tem que ser feito assim, senão a instituição tornava-se demasiado cara e isso criava-nos problemas.

Ensino Superior – As comissões de avaliadores têm sido fáceis de constituir?

Alberto Amaral – Há de tudo.

Ensino Superior – Mas há áreas em que seja mais problemático?

Alberto Amaral – Sim, há áreas mais difíceis. Direito.

Ensino Superior – Direito? Por alguma razão particular?

Alberto Amaral – Não sei! Vamos lá ver, As pessoas não estão habituadas. Se nós estamos nas áreas de ciências exatas, de engenharias e tal, ser avaliado ou avaliar é perfeitamente um ato normal. Ou o pessoal docente que faz muita investigação e que publica internacionalmente. Se os meus artigos são publicados, alguém os avalia. E muitas vezes são recusados ou querem fazer alterações, ou não sei quê. Portanto, é tudo normal. Se vamos para aquelas áreas onde se publica pouco lá fora, as pessoas vivem um bocado a olhar para o umbigo e mais não sei quê. Se pegarmos aí numa faculdade ... num Técnico, numa coisa assim, as pessoas estão todas habituadas a esse tipo de exercício, não é! Agora, se mudar para uma área mais, então o Direito em particular, é uma área muito complicada. As pessoas não têm o hábito de serem avaliados e de ser escrutinadas. Portanto, é difícil as comissões terem coragem de dizer que não ao que quer que seja.

Ensino Superior – E que tipos de problemas é que acontecem normalmente no trabalho da agência; ou seja, que possam ser identificados como os mais comuns, se é que eles existem?

Alberto Amaral – Os problemas mais comuns é que há determinadas instituições - nomeadamente instituições em que a qua-

naqueles departamentos em que houver um corpo docente doutorado, por exemplo, 75% ou 80% do corpo docente doutorado, e em termos de investigação que seja muito boa ou excelente e um sistema de garantia de qualidade certificado, passaremos a ter uma situação muitíssimo mais ligeira do que noutros casos.

A agência não imporá, de maneira nenhuma, nenhum modelo de sistema de garantia de qualidade. Dizemos como é que aquilo funciona. Agora, como é que as pessoas se organizam

lidade é mais frágil – que, muitas vezes, têm levantado problemas. Porque são problemas de sobrevivência, não é! Protestos.

Ensino Superior – Tem havido muitos protestos?

Alberto Amaral – Menos que o esperado, basicamente.

E agora são as próprias instituições universitárias que estão preocupadas, que querem que as pessoas publiquem, que as pessoas prestem serviço ao exterior e andam em cima. Há um controlo muito mais perto daquilo que as instituições fazem, do que as pessoas fazem, do que se fazia anteriormente.

Ensino Superior – É?

Alberto Amaral – É. Diria que está localizado em dois ou três sítios, mas em geral, e curiosamente, quanto melhor é a instituição, menos problemas há, mesmo que a gente diga que não.

O próprio processo de Bolonha foi implementado tendo uma carga docente muito maior do que aquela que se tinha anteriormente.

Ensino Superior – Portanto, diria que, neste momento, os critérios como, sei lá, a agência recolhe dados sobre a empregabilidade, são menos relevantes do que esses que disse há pouco, que são, basicamente, a qualificação do corpo docente ...